

A EDUCAÇÃO PARA MULHERES NO COLÉGIO SANTA CLARA EM SANTARÉM-PA NOS ANOS 70 (séc.XX)

Adriana Patrícia Ferreira Figueira
Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)
E-mail: Adria_paty@hotmail.com

RESUMO

Este artigo analisa a educação feminina no Colégio Santa Clara na cidade de Santarém no Pará transmitido às mulheres na década 1970, tomando como fonte principal os relatos das ex-alunas. Este Colégio visava a formação de mulheres da elite santarena e também das internas tendo direcionamento para a vida religiosa podendo se tornar freira ou não. O ensino religioso católico favorecia a formação de mulheres “dóceis”, e devota a fim de promover um refinamento das educandas para cumprir seu papel de serem boa esposa e mãe de acordo com o perfil que a sociedade esperava do sexo feminino naquela época. Nos anos 70 a educação feminina ganha um novo significado fora do espaço doméstico, quando as mulheres poderiam ter um ensino voltado para sua profissionalização e, conseqüentemente, ingressar no mercado de trabalho. O estudo foi feito através de narrativa orais das ex-alunas do Colégio. Buscou-se compreender as contribuições da educação para as mulheres na inserção de novos espaços em Santarém e os diversos saberes que contribuíram para a formação de mulheres na década de 70.

Palavras Chaves: educação feminina; colégio católico; mulheres.

ABSTRACT

This article analyzes female education at the Colegio Santa Clara in the city of Santarem in transmitted to women in the early 1970s, taking as a primary source accounts of former students. This college was aimed at training the girls santarena elite and also of having orphaned direction for religious life can become a nun or not. Catholic religious education favored the formation of “docile women”, and “devotes” to promote a refinement of Educandas to fulfill their role of being a good wife and mother according to the profile that the company expected female at that time. In the 70’s female education takes on new meaning outside the domestic space where women could have an education geared to their professionalization and thus enter the labor market. The study was done through ethnographic research and oral narrative of former students of the College. We sought to understand the contributions of education for women in search of new spaces in Santarém and diverse knowledge that contributed to the training of women in the 70’s.

Key-Words: Female Education, Catholic School, Women.

Introdução

O presente artigo analisa a educação feminina no Colégio Santa Clara, instituição Católica em que consistia em uma educação exclusiva para as mulheres, tendo como objetivo principal examinar o tipo de formação que era oferecida às meninas na década de 1970 em Santarém.

Até as primeiras décadas do século XX, de modo geral, a educação para mulheres voltava-se para a formação de “boa mãe”, esposas, dentro de uma lógica patriarcal que definia, assim, o papel social da mulher. Às mulheres era permitido o letramento e atividades que desenvolvessem o “refinamento feminino” para as atribuições de suas funções no lar e maternal. Para as mulheres eram destinadas as responsabilidades de preservação da família e dos valores cristãos. Representações como “sinônimo de pureza”, “bondade” e submissão preservava modelos femininos e excluía as mulheres do espaço social e valorizava a interioridade do lar favorecendo o modelo propagado pela Igreja Católica de mulher “pura” e mãe.

De acordo com o autor Calil Gomes, as mulheres foram elementos chaves para o movimento de renovação da Igreja no Brasil devido o surgimento de ideias liberais na busca de liberdade sendo vistas como difusoras de ideais e padrões de comportamento nos lares (GOMES, 2014, p. 401).

Pelo discurso interno enquadrava as mulheres no papel específico de esposa e dona do lar, reforçava a hipótese que os critérios religiosos como um dos instrumentos de reconquista católica, as mulheres em seus lares trabalhavam em favor do catolicismo educando os filhos dentro da moral cristã (GOMES, 2014, p.400).

Para as mulheres caberia o papel de instruir e educar de acordo com a conduta da moral e da fé cristã. Segundo o autor Miguel Berger, a igreja Católica procurava moldar, via ensino, as consciências dos jovens das classes dominantes para retomar o poder, procurando exercer influência nos colégios sobre os educandos. Para ele, a igreja católica era contrária às escolas mistas, por isso, as ordens religiosas criaram colégios nos quais funcionavam internatos em que os educandos obedeciam às ordens impostas sem resistência contribuindo para novos comportamentos e atitudes de submissão. (BERGER, 2004, p.149).

Os colégios confessionais católicos estavam direcionados para o ensinamento religioso e educacional para mulheres a fim de atender os anseios da Igreja católica com

o objetivo de combater os ideais modernos e uma educação laica. Por outro lado, mesmo que as mulheres ocupassem seus lugares no Colégio permaneciam na “domesticidade” em que o papel da mulher limitava-se aos cuidados dos filhos, da casa e do marido e destinada ao discurso de “invisibilidade” (ALMEIDA, 2013, p188).

No início do século XX houve um aumento dos colégios femininos no Brasil destinados a educação de mulheres da elite e para meninas órfãs. Elas receberiam uma educação refinada sem, no entanto, colocar em risco os bons costumes. (ALGRANTI, 1993, p.115). Educar no conhecimento e nas práticas religiosas moldando o caráter das educandas era o objetivo mais amplo da educação religiosa no século XIX, permanecendo até meados do século XX, assim sendo, elas seriam polidas, católicas, cultas na esfera do catolicismo para difundirem os valores cristãos nas famílias e na sociedade, combatendo assim, os novos comportamentos e ideias laicas que iam de encontro com ao ideal cristão.

A educação feminina nos colégios católicos foi difundida como o ideal para as famílias de elite que queriam educar suas filhas com preceitos religiosos, regrados na moral cristã considerada adequada para as educandas, “devem ser solidamente formadas nas virtudes preceituadas pela moral ultramontana e ter um ornamento cultural e compatível com o lugar que ocupa ou ocupará na sociedade” (MANOEL, 1996, p.53).

A religião, os valores cristãos e a pratica da virtude, a compaixão e a obediência faziam parte da educação cristã que vigorou até as primeiras décadas do século XX, ainda com resquícios da educação do século XIX, assim elas praticariam o cristianismo na sociedade. As congregações religiosas eram responsáveis em promover a educação feminina em conjunto com o catolicismo conservador, a fim de combater as ideias provindas do Iluminismo, que afastava os fiéis.

Para as mulheres, foi culturalmente atribuído que era natural ter atividade diferente dos homens. Essa diferença se firmou durante um longo período sendo que seu desempenho social devendo ser educadas dentro dos espaços existentes com formação voltadas em base religiosa como modo disciplinador feminino havendo, portanto, um padrão de comportamento específico com hábitos e costumes reforçados pela igreja católica.

Os ideais conservadores propagados pela educação moral e religiosa impôs a mulher uma carga de responsabilidades domésticas, como o cuidar do pai e posteriormente de seu marido, e a educação dos filhos. Essas ideias estavam disseminadas na sociedade e definiam o lugar da mulher e o papel social que ela deveria desempenhar, portanto, estabelecia as distinções no comportamento de homens e mulheres e suas respectivas representações. A dominação masculina fez com que as mulheres fossem julgadas inferiores aos homens, “fracas”, “submissas” e “invisíveis”.

Michelle Perrot afirma que foram utilizadas imagens estereotipadas e mitificadas da figura feminina na sociedade, com interpretações da vida feminina a partir das experiências masculinas e da construção social feita pelas relações de gênero, nas quais elas apareciam como meras coadjuvantes. (PERROT, 1988, p.185). Essas representações femininas constituíram um pensamento simbólico da diferença entre homens e mulheres. Para os homens era atribuído um ensino direcionado para cálculos, e para as mulheres eram ensinadas boas maneiras e artes femininas. A diferenciação das atividades entre homens e mulheres se normatiza no cotidiano tornando-se constantes, e passou a regulamentar a vida das mulheres, o que foi reforçado pela Igreja Católica. Para Bourdieu:

A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, divisão bastante escrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservadas às mulheres; ou, no interior desta, entre a parte masculina, com o salão, e a parte feminina com o estábulo, a água e os vegetais; é a estrutura do tempo, a jornada, o ano agrário, ou o ciclo de vida, com momentos de ruptura, masculino e longos períodos de gestação femininos. (BOURDIEU, 2012, p.18)

O processo de exclusão das mulheres foi construído transformando a mulher em um ser dependente do homem, o que se torna claro através das diferenças entre comportamentos, valores, espaços sociais e funções atribuídas distintamente a homens e mulheres. Com o trabalho fora do âmbito doméstico, as mulheres poderiam sustentar a si mesma diferente da ordem vigente de dependência do marido o que poderia caracterizar uma resistência ou um desvio normativo da época.

Ao longo do século XX, o trabalho da mulher fora do âmbito doméstico, fruto da educação formal, favoreceu a sua emancipação e possibilitou transformações no seu

papel social (OLIVEIRA, 2009, p.2). Através da educação, a mulher teve a possibilidade de ingressar no mercado de trabalho e ampliar novas formas de inserção na sociedade, assim ocupou novos espaços estabelecendo novas redes de sociabilidade.

Nos anos 50, com o chamado “milagre econômico” a população assistiu otimista o crescimento e industrialização do país, com a expansão do emprego para homens e mulheres. Contudo, o papel feminino tradicional ainda predominava, ligado aos cuidados da casa e dos filhos e às ocupações domésticas. Do ponto de vista moral, o trabalho da mulher fora do âmbito doméstico não era o melhor caminho a ser seguido por elas porque a vocação das mulheres seria a maternidade e as prendas domésticas de acordo com o que era imposto na época. Com a industrialização novos hábitos e novas práticas foram se desenvolvendo e com isso, a introdução da mulher no mercado de trabalho seria uma dessas consequências, porém, essa inserção da mulher nas indústrias não abalou a desigualdade das funções entre homens e mulheres, mas contribuiu para uma transformação cultural, social e econômica que favorece a profissionalização da mulher em algumas áreas.

Nessa perspectiva, são evidentes os sinais contraditórios do processo de industrialização no Brasil que amplia formas de inserção da mulher no mercado de trabalho, mas mantém sua subordinação ao homem, sem grandes alterações na estrutura social. Mesmo com as mudanças no cenário nacional, não foi garantida a igualdade entre eles. As distinções entre os papéis femininos e masculinos continuaram claros na sociedade, embora o trabalho da mulher tornasse comum era desigual ao do homem. O trabalho feminino era visto com carga de preconceito e subsidiário ao do homem determinado “chefe da casa”. (BASSANEZZI, 2008, p.607).

A educação como emancipação das mulheres

De acordo com Mary Del Priori a história das mulheres começou a surgir na década de 1970 com os movimentos feministas e história das mentalidades atreladas a pesquisas sobre memória popular inéditas. A história das mulheres antes disso, não reconhecia que elas pudessem ter trajetórias distintas dos homens. (DEL PRIORI, 2001, p. 220). Com a história das mulheres, elas se tornaram visíveis e os estudos e as pesquisas sobre as diferenças sexuais na organização social em diferentes contextos

ganharam força, tornando-se uma alternativa para contrapor as teorias que promoviam (e ainda promovem) a dominação masculina.

A inserção da mulher no mercado de trabalho produziu um novo estilo de vida entre o que era tradicional e o moderno, e de formas de sociabilidade alternativas, que destoavam do modelo patriarcal de sociedade e família, expressos em novos comportamentos e na conquista das mulheres do espaço público e da autonomia. Margareth Rago em sua obra intitulada “Do Cabaré ao Lar” mostra como o advento da República e o crescimento das cidades juntamente com o desenvolvimento industrial e a urbanização, fez surgir o egresso da participação feminina nas fábricas, mas, ao mesmo tempo, a mulher não deixou de ser revestida de uma representação simbólica na qual ela deveria se restringir ao ambiente do lar (RAGO, 2014).

Esses preceitos morais atingiam tanto as mulheres da elite quanto mulheres das camadas populares, sendo que a mulher que precisava trabalhar enfrentaria preconceito e dificuldade para ter acesso a uma profissão, já que o discurso moralista não via com bons olhos o trabalho feminino fora do ambiente doméstico. A educação para as mulheres promoveu a formação escolar e profissional e, em certa medida, retirou as mulheres do papel de subjugadas diante da sociedade, contribuindo para transformá-las em protagonistas de sua própria história.

Em Santarém, o Colégio Santa Clara contribuiu para a educação feminina na cidade e na região desde sua fundação em 1910. Nesse educandário, até a década de 1990, foi exclusiva a educação para as mulheres tendo seus princípios fundamentados nos valores morais religiosos e da doutrina católica. Havia o interesse que as educandas desse colégio, que também foi um convento e orfanato desde sua inauguração, tivessem uma formação voltada para o bom comportamento perante a sociedade tendo os aspectos religiosos como pilares desse tipo de educação. No colégio, as famílias podiam matricular suas filhas em regime de internato ou externato. Assentada em preceitos religiosos, a instituição formava meninas conforme os valores sociais e culturais patriarcais, que sintonizavam uma proposta de profissionalização, com a promoção da mulher como a figura “doméstica”, materna e familiar. A formação das mulheres nesse educandário estava voltada para tornar a mulher uma “boa menina”, “trabalhadora”, “obediente”, “caridosa” com preparação para serem religiosas, podendo vim a se tornar freira ou não. O Colégio Santa Clara teve sua fundação em 1910 se tornando o primeiro

educandário para a formação exclusivamente feminina em Santarém. O Colégio educava tanto as moças da elite quanto as órfãs.¹ Meninas da elite santarena conviviam na mesma sala com as órfãs da cidade e de outras regiões do Estado. De acordo com o relatório do histórico do Colégio no Santa Clara na década de 1970 teve a implantação do curso pedagógico que possibilitou as alunas que concluíram pudesse atuar como professoras, além disso, os cursos de Contabilidade e Administração-Comércio também surgiram nesse período.

Através de relatos orais das ex-alunas do Colégio torna evidente que o ensino estava fundamentado nos aspectos religiosos e também da disciplinarização do comportamento das educandas. Segundo elas, as atividades curriculares estavam voltadas à instrução de leitura, desenho, canto, ditado, reza, atividade física, jogos como: vôlei complementado com a matéria: Artes femininas.

Nos fazíamos aula de canto, íamos lá pra igreja do Colégio em datas religiosas participava das missas fazíamos as leituras litúrgicas e também fazíamos leitura na sala de aula, a professora fazia ditado, tinha que fazer desenho eu lembro que fiz o pequeno príncipe ficou lindo fiz ele todo de caneta azul e vermelha tirei ótimo... Na aula de artes feminina tinha que fazer esculturas de madeiras, artes com pelúcia eu lembro que fiz uma zebra enorme.

(Entrevista concedida por Leonora Barbosa, 68 anos, professora aposentada).

Foram feitas entrevistas com sete ex-alunas do Colégio Santa Clara que durante a década de 70 estudaram neste educandário. Conforme demonstrado na tabela as entrevistadas foram:

NOME	IDADE	CURSO
Regina Santos	54 anos	Administração e Comércio
Leonora Barbosa	68 anos	Pedagógico
Maria de Fátima Santos	55 anos	Pedagógico
Nazaré Lima	54 anos	Administração e Comércio
Rosana Cunha	54 anos	Administração e Comércio
Creusa Amorim	56 anos	Administração e Comércio
Joana Vasconcelos	57 anos	Administração e Comércio

¹ O Colégio Santa Clara foi fundado em 1910, com as funções de escola e convento ainda existentes. Atualmente o convento está situado no mesmo terreno do Colégio juntamente com a Igreja Nossa Senhora de Lourdes. O nome do Convento é o mesmo nome da Igreja. No ano de 1978, de acordo com relatos orais das ex-alunas, não havia a presença de internas órfãs na sala de aula.

Atualmente elas possuem mais de cinquenta anos, atuaram ou atuam no mercado de trabalho, e relatam suas experiências no Colégio, o significado de terem sido alunas do Colégio, suas impressões a cerca da educação que obtiveram e que serão analisados mais adiante neste artigo.

A escolha da história oral neste artigo como principal fonte de pesquisa justifica-se por ela se utilizar de vários elementos como: investigação, versões sobre o objeto de pesquisa, lembranças, experiências e opiniões. Além disso, uma pesquisa sistemática nessas fontes pode resultar em um documento de trabalho podendo direcionar o foco de interesse para as versões daqueles que participaram ou testemunharam tal trajetória podem fornecer sobre o assunto. (ALBERTI, 2004, p.30).

Trajetória do Colégio Santa Clara

A Congregação das Irmãs Missionarias da Mãe de Deus (SMIC) foi fundada na cidade de Santarém, Estado do Pará dia 05 de dezembro de 1910. Seus fundadores Dom Amando Bahlmam e a professora alemã Elizabeth Trombrock, que mais tarde se tornou Madre Imaculada de Jesus Trombrock. Dom Amando Bahlmam viajou até a Europa para pedir a colaboração para ajudar nos serviços apostólicos e prelácia de Santarém. Elizabeth Trombrock veio com ele e entrou para a fundação da Ordem das Clarissas de Santarém dando início ao trabalho que envolvia três pilares: educação, saúde e evangelização. Contavam com a ajuda de quatro Irmãs do Mosteiro do Rio de Janeiro: Madre Coleta Caprio, Madre Maria do Carmo, Maria do Patrocínio e Madre Verônica. Primeiramente o serviço iniciado pela fundação da Congregação em Santarém era a educação das meninas órfãs da cidade e do interior em decorrência da falta de escolas para atender as órfãs e pobres. (MARINHO, 2013, p. 33).

Segundo o livro comemorativo dos 100 anos do Colégio o Santa Clara começou a funcionar em uma casa alugada que ficava localizada na atual Rua Floriano Peixoto entre Travessa dos Mártires e Barão do Rio Branco na qual pertencia a José Caetano Corrêa o Barão do Tapajós. Esta casa servia como noviciado para as jovens que queriam consagrar-se na prática da caridade, vida religiosa, devoção mariana, servindo a igreja como missionarias Franciscana, conversão a Deus, pobreza e minorismo.

O Colégio Santa Clara teve sua fundação em 1910 se tornando o primeiro educandário com educação feminina da cidade de Santarém com um diferencial em que as freiras não viviam enclausuradas. De acordo com o relatório com o título “Convento Nossa Senhora de Lourdes, o Colégio Santa Clara a casa mãe da Congregação” encontrado no arquivo do Colégio elas participavam de missões de evangelização, cuidados com a saúde dos enfermos e trabalhavam com a educação nas comunidades ribeirinhas e indígenas.

De acordo com os documentos encontrados no Colégio Santa Clara mostram que em dezembro de 1916, o convento constituiu-se com a fundação da Ordem das Pobres Clarissas Missionárias da Imaculada Conceição sendo também o primeiro orfanato da cidade de Santarém. No entanto, devido o espaço ter dimensões pequenas não podia abrigar mais de quatorze meninas. Outra casa foi construída para abrigar as jovens missionárias com o nome de Convento Nossa Senhora de Lourdes no atual bairro Aldeia e em 1913 foi fundado o atual Colégio Santa Clara.²

Com a construção de um novo prédio o Colégio se dedicou na continuação da educação de meninas na cidade de Santarém. A arquitetura do Colégio com corredores longos e paredes grossas e arredondadas foi construída com moldes de convento denota uma expressão de secularidade quanto ao conservadorismo de uma educação voltada aos preceitos religiosos cercados por muros altos, com a imagem de Santa Clara, grandes janelões favorecendo a ventilação e a iluminação natural, contendo a igreja para a celebração das missas, orações, confissões, além de um quintal propiciando um espaço de sociabilidade para as educandas. Conforme o Histórico do Santa Clara o Colégio começou a funcionar com o curso primário, posteriormente com o Curso Ginásial e em 1976 foi autorizado a funcionar com habilitações em nível de segundo grau.

Em entrevista com as ex-alunas elas relatam suas impressões da educação recebida no Colégio:

Foi bom estudar lá porque levei para minha vida os princípios religiosos que ali obtivemos. Pude sair dali preparada para trabalhar e isso o Santa Clara me possibilitou. Esses cursos que o Santa Clara ofertou contabilidade e Administração e Comércio ajudou a mostrar que as mulheres poderiam ocupar lugar que era para homens, que a mulher podia atuar no mercado de trabalho e podiam ser boas no que fazem, se a mulher escolhesse atuar em área que era mais para os homens ela era vista

² FONTE “Como surgiu o Colégio Santa Clara” escrita por Emir Bermegy. Arquivo do Colégio Santa Clara, 2008, p.32

com desconfiança até ela provar que podia ser uma profissional boa ou até melhor.
(Entrevista concedida em: 12/06/2016 por Nazaré Lima, 54 anos, Assistente Social).

A inserção profissional da mulher se expressa em novos comportamentos familiares e estilo de vida no que se refere a sua saída para trabalhar em espaços ditos masculinos constituindo um processo de alteração de comportamentos tradicionais.

A educação do Colégio Santa Clara proporcionou as mulheres que estudaram nesse período tivessem um novo olhar sobre si mesma possibilitando irem além das barreiras socialmente impostas em busca de uma profissão e consequentemente um espaço no mercado de trabalho garantindo assim, um novo padrão de comportamento.

Estudar no Santa Clara me deu ensinamento para a vida para o meu trabalho, foi lá que aprendi que a mulher poderia ser mais que apenas cuidar da casa poderia ter uma profissão. Nessa época as mulheres já tinham conquistado pouco espaço no trabalho, eu quis ser professora achava um ideal de vida.
(Entrevista concedida em 19/06/2016 por Maria de Fatima Silva, 55 anos, Professora).

As novas práticas exercidas pela mulher além do cuidado com a casa e filhos constituem uma resistência à ordem social e cultural. Esses novos hábitos adquirem uma nova representação da mulher e do seu papel social.

O cuidado com o corpo, o bom comportamento, ser zelosa, além das orientações para engajar em uma profissão eram aspectos recorrentes na formação das alunas do Colégio Santa Clara. As alunas eram orientadas sobre o zelo com o corpo e uniforme:

Eles ensinavam se comportar, não arrastar o pé, a ser zelosa, está com o uniforme sempre limpo, não amassar o caderno para não ficar com “orelha de burro” ensinavam também a gente ter nossa profissão não depender de ninguém.
(Entrevista concedida em: 01/08/2016 por Rosana Cunha, 55 anos Servidora Pública).

Além da narrativa da ex- aluna Rosana Cunha sobre postura e cuidados com o corpo, as alunas recebiam orientações do livro Higiene e Puericultura do autor Valdemar de Oliveira usado pelas professoras na década de 70 no qual mostra as práticas de higiene.

“Alma Contemplativa, Obediente e Caridosa”.

As irmãs da congregação tinham como finalidade as práticas franciscanas da pobreza e da caridade, “Pobre como Cristo e rico como ele”. Madre Imaculada de Jesus Trombrock as ensinava segundo seus preceitos religiosos. Esses ensinamentos eram transmitidos as alunas em que regiam as atividades praticadas no Colégio:

Minhas filhas para possuir a caridade não precisarmos de grande inteligência nem vasto saber ou extraordinários talentos, nem de nossas energias físicas e nem sequer de nossos membros, basta ter um coração grande e livre para que o Senhor nele possa sempre viver melhor sua vida divina. A justiça deve ser mitigada pela compaixão a fim de não degenerar em dureza. Compaixão significa condoer-se, isto é, padecer com alguém. Como a justiça tem sua sede na mente, a compaixão mora no coração.

Os ensinamentos religiosos da Madre Imaculada de Jesus Trombock mostram os deveres de uma vida religiosa em que se preocupava em difundir para as Irmãs da Congregação para que se estendesse para as alunas do Colégio.

Os preceitos filosóficos da Madre eram pautados para a formação das alunas em fundamentos voltados para a caridade, compaixão, bom exemplo, justiça, vigilância o que permitiu que a instituição preparasse as alunas na educação formal aliada aos fundamentos cristãos.

Dá, quanto mais deres, tanto mais possuirás. Nunca te faltará que te possas dar. Deixam-se absorver por Deus para irradiá-lo aos necessitados; esta é a vocação da Irmã Missionária. Pudessem eu começar a vida, a minha única ocupação seria amar-vos. Nosso alvo é que Deus seja amado e as almas sejam felizes. Para isso não nos esquivaremos a nenhum trabalho ou sacrifício. Como filhas de Maria, sob sua bandeira, viver e trabalhar pelas almas pelos inocentes. Como filhas de S. Francisco, viver como ele viveu “Pobre como Cristo e rico como ele”. Queremos ser pobres com os pobres e para os pobres. “Por isso, viveremos e agiremos como pobres” (CALDERARO, 2001 p.68).

Segundo os preceitos da ordem as irmãs missionárias que desenvolviam seus trabalhos pela Congregação além de ser caridosa, e “amar a pobreza” deveriam ser apóstolas. Em tese, de acordo com os valores da Congregação as irmãs deveriam pautar suas vidas destinadas ao trabalho, oração e sacrifício. As freiras que trabalhavam no colégio tinham a função de professoras e também de evangelizar no interior da cidade: A Congregação das Irmãs Missionárias Mãe de Deus desenvolvem a evangelização segundo a Ordem Terceira de São Francisco pautada em trabalhar como São Francisco

de Assis que consiste na caridade e vivência em comunidade e propagação do evangelho.³ De acordo com a autora Leila Algranti a situação de classes não era determinante nos conventos, contudo, dedicação, humildade e devoção eram atributos indispensáveis a uma religiosa (ALGRANTI, 1993, p. 217-219).

A Educação reservada às mulheres: Currículo e prática de ensino

Com a educação voltada para os preceitos religiosos fazia com que o educandário fosse bastante procurado, pois esse modelo de educação atendia os valores sociais e culturais dessa época. Meninas da elite santarena conviviam com internas, órfãs e bolsistas, possuindo a mesma educação, não tendo diferença quanto ao ensino dado, sejam elas de elite, bolsistas ou órfãs, o estudo era o mesmo para elas. Segundo os relatos orais das ex-alunas do Colégio a educação reservada às mulheres era voltada para o ensino dos princípios de valores como: boa cristã, obediência, solidariedade, compaixão, caridade, amor a Deus e ao próximo, com preparação para se tornar uma missionária não sendo obrigatório ser uma noviça, mas elas eram convidadas a participar da vida religiosa.

A obrigação de ser uma boa menina, cristã, e ter práticas de devoção eram deveres religiosos da educação feminina na transição do século XIX para o XX, permanecendo por um longo período. No Colégio Santa Clara esse modelo de educação permaneceu desde sua inauguração em 1910 até na década de 90 do século XX. Assim, as alunas foram educadas para a vida na sociedade com os moldes do catolicismo propagado nesse Colégio.

Nos livros de visita que se encontram no Colégio está registrado o abandono dos estudos por parte de algumas meninas internas que foram visitar suas famílias e não retornaram para o educandário caracterizando uma resistência ao modelo educacional do Colégio. Segundo a autora Rizzini, as instituições de ensino empregavam meios diversos a fim de garantir a submissão dos internos, cuja desobediência resulta em advertências e punições (RIZZINI, 2004, p.237).

Com a valorização da educação para os homens, o ensino voltado para as mulheres recebia pouca atenção e estava restrita apenas a alguns espaços. Os espaços

³ Preceitos da Ordem da Sociedade de São Francisco. Disponível em: <http://www.ofs.org.br>

educacionais como os conventos tiveram papel importante na educação feminina, por muito tempo figuraram como os únicos espaços que promoviam a educação para elas. Os conventos serviriam para os objetivos educacionais, de prepará-las para o casamento, mas também como guardião das virtudes, dois aspectos fundamentais na vida de uma jovem da elite. (ALGRANTI, 1993, p.263).

Com base na análise nos boletins das alunas da década de 70 e das entrevistas realizadas com as ex-alunas do Colégio Santa Clara⁴ foi possível identificar o currículo utilizado no Colégio e suas experiências como aluna de um Colégio católico para mulheres. Esses ensinamentos eram difundidos através das matérias obrigatórias e também na reprodução de valores para a vida, no lar e na sociedade.

Nessa perspectiva o currículo adotado pelas Irmãs do Colégio Santa Clara contempla as seguintes matérias de acordo com os cursos: disciplinas de ensino para o curso pedagógico: Português, Matemática, História, Geografia, Física, Química, Educação Religiosa, Educação Artística, Educação Física, Psicologia, Sociologia, Didática, Moral e Cívica. Para o curso de Administração e Comércio matérias como: Legislação de Empresas, Programa de Saúde, Terapia ocupacional, Educação Religiosa, Física, Química, Educação Física, Moral e Cívica e OSPB (Organização Social e Política Brasileira). De acordo com as entrevistas realizadas com as ex-alunas do Colégio foi possível constatar que para a formação da mulher ensinavam valores considerados importantes dentre os quais as aulas de boas maneiras que ensinava práticas como: modo de sentar, andar, falar, vestir, cuidados com o corpo e bom comportamento.

Segundo as alunas, a educação do Colégio era rigorosa de tal forma que era incorporada na vida da educanda dentro e fora da escola conforme relato abaixo:

Pra mim foi muito bom ter estudado lá pelo conhecimento que adquirir e pelas normas da escola de não poder riscar a parede, de não poder bagunçar, de ter aula vaga e você ter que respeitar o colega que tá estudando, ou seja, a gente aprende e isso me serviu pra vida, pra criar meus filhos pra educar meus alunos. Isso me serviu ao passar por essas normas eu pude levar pra minha vida e isso foi bom pra mim
(Entrevista concedida em 09/06/2016 por Regina Santos, 54 anos professora aposentada).

⁴ As entrevistas foram feitas com as ex-alunas que cursaram o segundo grau no Colégio Santa Clara nos cursos: Pedagógicos, Administração e Comércio na década de 1970.

Os valores morais e religiosos que fizeram parte da formação das alunas do Colégio, e segundo relatos, foram importantes na trajetória individual das alunas.

Até hoje os ensinamentos que o Santa Clara me proporcionou me ajuda para a vida, a fé que eu tenho vem do Colégio que as freiras falavam para nós e isso é o que me ajuda nas dificuldades que encontro na minha vida. Se a gente não der valor a Deus a gente tem muita dificuldade. Não foi dos meus pais que eu aprendi os valores para minha vida foi no Santa Clara. (Entrevista concedida em 11/06/2016 por Leonora, 68 anos professora aposentada)

A educação religiosa componente curricular do Colégio Santa Clara formava alunas nos princípios cristãos: temor à Deus, amor ao próximo, obediência, respeito, honradez e caridade. Carlos Pimenta afirma que a Igreja Católica cria dispositivos de mando incorporados no cotidiano com a finalidade de controle de condutas e comportamentos enquadrando em seu campo normativo e de suas categorias (PIMENTA, 2014, p.742).

Esse Colégio se caracterizou por ter sua educação voltada para ensinamentos religiosos e na prática de disciplina com rígida formação moral, mas que adquiriu suma importância na vida das alunas:

Foi muito bom pra mim no aspecto religioso porque me ajudou na minha vida a ter fé, foi bom esses ensinamentos aprendemos sobre respeito, valores e sobre educação nas matérias ensinadas que eram referencia na época. Quando eu entrei no Santa Clara tive que ter uma mudança de comportamento, porque não pode fazer muitas coisas que uma jovem gosta de fazer, tem limitações. Você aprende ter disciplina, aprende que tem hora pra estudar, pra brincar, pra falar para ir á missa. Esses ensinamentos me ajudaram na minha vida, no meu trabalho, na minha casa junto com meus filhos esses ensinamentos foram bons pra mim. (Entrevista concedida em 12/06/2016 por Nazaré Lima, 55 anos Assistente Social).

A Educação com os rigores do conservadorismo católico significava uma boa formação para as alunas. A orientação educacional do Colégio concretizava a polidez, a boa educação das alunas e também a formação de mulheres cristãs para propagação dos anseios religiosos para a sociedade.

A vigilância e o controle das educandas conforme as normas institucionais eram desenvolvidas para garantir a ordem e o funcionamento dos códigos da instituição. Para Foucault um corpo está preso a poderes e que lhe impõe limitações e obrigações para torna-los dóceis e obedientes com a finalidade de controle e modelagem de atitude, gestos e comportamento (FOUCAULT, 2004, p.126). Assim as alunas deveriam fazer o

que as freiras ordenavam, pois estavam sujeitas as formas disciplinadoras que se caracteriza por meio como corrigir e hierarquizar o sujeito.

Quando chegávamos ao Santa Clara nos ficávamos no quintal, lá na mesinha, tínhamos que entregar a carteirinha, a secretária carimbava “compareceu”, assim que chegávamos tinha que levar lá pra ela carimbar só recebia na saída porque se fugisse ia saber porque só recebíamos no final, se esquecesse a carteirinha tinha que voltar.

(Entrevista concedida em 09/06/2016 por Regina Santos, 54 anos professora aposentada).

Sobre as práticas do cotidiano escolar, era de responsabilidade de uma aluna a iniciação da aula desenvolvendo a prática da leitura em sala de aula estabelecendo uma função pedagógica e se tornando uma rotina na sala. Segundo o relato das alunas elas tinham o direito de voz que era dado pelas professoras sobre o assunto ministrado, com o incentivo a fazerem perguntas. De acordo com a entrevistada cada aluna possuía um número correspondente e um lugar designado pelos professores.

A Irmã chegava à sala e após termos feito a oração ela determinava, por exemplo: nessa semana vai ser a aluna número tal que vai trazer mensagem que gostou ou vai fazer algum versículo da bíblia, assim, iniciava a aula com aquela aluna. Era uma aluna que fazia aquela abertura da aula com leitura de alguma coisa. Tinha dias que tínhamos que ir pra área rezar, mas não era todo dia que tinha oração na área, só ia pra dentro de sala quando a campainha tocava, a gente ficava lá no quintal ate a campainha tocar, aí a irmã dizia pra área ou pra sala de aula. Todo dia tinha que ter oração com o primeiro professor. Chegava na sala tinha oração e tinha que sentar no mesmo lugar todo dia se sentasse em um lugar que não fosse aquele que a professora mandou ela mandava voltar para seu lugar. Nós tínhamos liberdade de perguntar para os professores inclusive nós éramos instigadas a fazer perguntas e participar da aula, eles ajudavam a gente.

(Entrevista concedida em 19/06/2016 Maria de Fátima Silva, 56 anos Professora).

Na década de 70 ocorria com frequência a utilização de leituras como forma de aprendizagem. De acordo com Carlos Pimenta a utilização de leituras diárias funciona como um processo de conduta e civilidade podendo escolher aleatoriamente um trecho para a leitura coletiva com objetivo de discutir aspectos negativos ou positivos do comportamento das alunas (PIMENTA, 2014, p.738).

Os conteúdos ensinados em sala de aula não eram contextualizados e problematizados com a realidade, o que sugere que a aprendizagem nos anos 70 era uma

atividade mecânica fundamentada no ensino tradicional, pouco crítico, voltado somente em avaliar os resultados obtidos por meio da transmissão de conteúdos e memorização.

Desse modo, decorar conteúdos era a prática constante nessa época, assim sendo a memória era um recurso permanente. Para Luís Fernando Cerri, o ensino tradicional torna os alunos obrigados a estudar uma história estática, linear e cronológica, além de obrigá-los a saber eventos e nomes com pouco sentido para suas vidas dependendo, assim, apenas de uma memorização eficiente (CERRI, 1999, p.143).

A verificação da aprendizagem do Colégio Santa Clara se dava por meio das provas as quais eram feitas uma prova bimestral. Segundo as ex-alunas as provas eram feitas no auditório em que iam as alunas de todos os cursos e sentavam intercaladas para evitar a possibilidade de “colar”. No período dos provões, como eram chamados pelos professores as alunas narram que era um momento de muito nervosismo e medo da nota vermelha, de acordo com a narrativa:

Íamos para o auditório todas juntas fazer a prova era um calendário que tinha. As alunas morriam de medo das provas, se tirasse nota baixa já tava na recuperação. Eram as freiras que passavam as provas pra gente, sentávamos em uma fileira que ficava uma aluna do magistério, outra da administração outra da contabilidade não tinha como colar. A média era 8 era muito alta, tínhamos que estudar muito. A prova era feita de questionários para preparação de professores. Eu lembro que fiz 25 questões de filosofia, era para relacionar o filósofo com sua filosofia, a professora me perguntou como eu tinha conseguido eu respondi sou capaz. (Entrevista concedida em 11/06/2016 por Leonora Barbosa, 68 anos professora aposentada).

A nota vermelha era motivo de preocupação para as alunas, pois significava que fariam a prova de recuperação, o que causava medo devido estas avaliações serem consideradas mais difíceis, além disso, ter “nota vermelha” no boletim para as bolsistas causava um sentimento de tristeza, mas que também servia de motivação para continuar os estudos.

Meus pais moravam em Alenquer eu vim para Santarém com o objetivo de estudar se eu reprovasse não tinha mais como manter a bolsa, então procurava estudar. Tirei nota vermelha em matemática eu achava muito difícil a prova que a professora passava, então fiz um propósito comigo mesma ou eu estudo ou eu não vou ser ninguém na minha vida foi aí que comecei a melhorar a minha nota. (Entrevista concedida dia 09/12/2016 por Regina Santos, 54 anos professora aposentada).

Através da narrativa pode-se notar a preocupação com a nota vermelha e ao mesmo tempo serviu de motivação para continuarem seus estudos. Além disso, a “nota vermelha” possuía uma representação de fracasso por não terem conseguido alcançar um bom resultado, em contrapartida uma boa nota significava uma satisfação pessoal das alunas.

Controle moral e disciplina

Na década de 70 período da ditadura militar tornaram-se obrigatória as disciplinas de Educação Moral e Cívica nas escolas pautada no patriotismo, assim como as atividades cívicas por meio de homenagens ao hino nacional, hino da bandeira, aos “heróis nacionais”, além das participações em datas comemorativas. Em 1971, foi decretada a lei 5.700 que dispunham sobre a forma e a apresentação dos símbolos nacionais e a penalidade imposta se a lei não fosse cumprida.⁵ Sob essa determinação o Colégio Santa Clara adotou no seu currículo o ensino de educação moral e cívica sendo que as alunas participavam de diversas atividades que promoviam o patriotismo e o civismo na escola, em conformidade com o momento de conservadorismo da educação em função da ditadura militar. Além dos desfiles cívicos as alunas realizavam apresentações em comemoração patriótica transmitindo os ensinamentos das aulas de Moral e Cívica.

(...) Nas aulas de Moral e Cívica nos fazíamos as atividades de acordo com o momento, tempo de eleições, semana da pátria, íamos lá para a área do Colégio e fazíamos teatro, cantávamos o Hino Nacional, nas datas comemorativas também, marchávamos, inclusive no dia 07 de setembro na abertura da semana da pátria era tirada cinco alunas para irem representar a escola junto com a banda lá na frente do museu. Ia um pelotão para representar o Santa Clara era um orgulho muito grande estudar lá
(Entrevista concedida em 01/08/2016 por Rosana Cunha, 55 anos, Servidora Pública).

De acordo com a autora Selva Guimarães Fonseca, além dos atos cívicos e desfiles suntuosos o controle do Estado pelos militares transmitidos nas disciplinas escolares e na prática educativa objetivava reduzir os conceitos de moral, liberdade e democracia aos de civismo, subserviência e patriotismo (FONSECA, 2003, p.22). No Colégio Santa Clara as atividades cívicas estavam presentes na prática educativa e tornaram-se recorrentes no cotidiano e no calendário escolar.

⁵ Leis de Diretrizes e Bases: Lei 5.700 de 1º de Setembro de 1971.

No Santa Clara havia as regras institucionais em conformidade com o regimento interno do Colégio como formas de disciplinarização que eram exercidas em quaisquer atividades. A obediência à professora, o bom comportamento e o silêncio nas dependências do Colégio garantia o cumprimento dessas regras de manutenção da ordem. A disciplina era mantida sobre vigilância das Irmãs com punições em caso de transgressões. Na narrativa abaixo, a ex-aluna relata formas de punições:

Uma vez tinha uma aluna que queria jogar a outra pela janela a turma toda ficou até tarde na escola de castigo, depois tivemos que descer a escada no escuro que não tinha iluminação estávamos morrendo de medo.
(Entrevista concedida em 15/08/2016, por Joana Vasconcelos, 57anos Empresária).

Deste modo, as alunas que descumprissem o regulamento seriam punidas de diferentes formas. Todas essas práticas de disciplina e punições como medidas educativas visavam promover nas alunas a obediência irrestrita, boa conduta e a ordem, o que estava em sintonia com os valores do catolicismo desenvolvidos no Colégio.

Qualquer atitude considerada um “mau comportamento” era encarada como algo passível de punição e/ou motivo para reforçar a conduta disciplinadora. Problemas de comportamento e indisciplina eram tomados como desrespeito à ordem. Assim, comenta a ex-aluna abaixo:

Lembro uma vez na minha turma duas colegas minhas subiram na mesa da professora e elas estavam discursando, uma discursava para um lado e a outra discursava para o outro quando a gente viu a diretora tava na porta olhando pra elas ...(risos). Foram para a secretaria, depois continuaram assistir aula normal.
(Entrevista concedida em 01/08/2016 por Rosana Cunha, 55 anos Servidora publica).

As Irmãs não deixavam que nada descaracterizasse um ideal de comportamento e civilidade, alcançados por meio do controle e das normas disciplinares.

As restrições, a educação tradicional e o conservadorismo católico reproduziam, além da disciplina, um conjunto de normas morais que reforçavam a representação da mulher como símbolo da castidade, da obediência e da pureza, como um padrão a ser celebrado e seguido. Sendo assim, qualquer conduta considerada fora deste conjunto era alvo de distinção, preconceito e tratamento diferenciado.

Todas as formas de punições eram fundamentadas nos princípios de autoridade e hierarquização e ao cumprimento das normas institucionais consideradas imprescindíveis para manter a submissão e disciplina.

A doutrina religiosa também era atividade a ser cumprida pelas alunas sendo componente curricular o Ensino Religioso, presente em todos os cursos do Colégio. As alunas tinham o dever de assistir missa que compunha o calendário escolar. Essa disciplinarização visava transmitir às alunas valores, comportamentos e cumprimento da ordem institucional. Foucault afirma que o controle sobre o corpo, no tempo e no espaço, sendo disciplinado, há sujeição para torná-lo dócil. (FOUCAULT, 2004, p.125-126).

Tínhamos que ir a missa nas datas religiosas na semana santa, quaresma. Se a aluna não fosse sofria punição, as missas eram na hora da aula se a gente não fosse pegava falta, às vezes chamava na secretaria.
(Entrevista concedida em 12/06/2016 por Nazaré Lima, 55anos Assistente social).

A participação nas missas visava a formação de cristãs e devotas, que tivessem uma vida voltada ao catolicismo.

A instrução para a vida religiosa às jovens tinha como um dos objetivos direcionar as alunas para a vocação religiosa, para que se tornassem freiras:

Não era todo dia que íamos para a igreja, eles incentivavam a nossa participação lá na igreja do colégio. Tinha até uma freira que ia à nossa sala perguntar se queríamos participar da vida religiosa, incentivava para ser freira, ela ia convidar.
(Entrevista concedida em 15/08/2016 por Joana Vasconcelos, 57 anos, Empresária).

As alunas eram orientadas sobre o modo correto de andar, falar, sentar e cuidados com o corpo. Esses ensinamentos eram transmitidos no dia de aula de Educação Religiosa e nas aulas de Educação Física, através dos jogos eram ensinados os cuidados com o corpo para ter uma vida saudável. As Irmãs tinham a responsabilidade de transmitir esses saberes para as alunas, baseadas no discurso, em âmbito religioso, de que o “corpo é morada do Espírito Santo” e por isso deveria ser cuidado e zelado. Portanto, “refinamento” dos modos, higiene, asseio, controle do comportamento e do corpo e disciplina eram pilares da educação no Colégio Santa Clara.

Tínhamos aulas de boas maneiras as Irmãs diziam pra andar e não arrastar o sapato, sentar com a postura na carteira e ter o habito de higiene lavar bem os alimentos, manter o uniforme sempre limpo se tivesse com o

uniforme sujo tinha que voltar pra casa. Nas aulas de educação física nos praticávamos jogos de vôlei, hand, basquete e fazíamos exercícios também, fazíamos educação física no mesmo horário das aulas só fazia trocar de roupa.

(Entrevista concedida em 01/08/2016 por Rosana Cunha, 55 anos, Servidora Pública).

Desse modo, a educação do Colégio Santa Clara era desenvolvida em três aspectos: na formação com currículo escolar obrigatório, na profissionalização e na formação da mulher para a vida na sociedade com os ensinamentos sobre valores morais e religiosos, que contavam inclusive os cuidados com o corpo. De acordo com a autora Guacira Louro:

A educação para as mulheres deveria ser para além dela, com a justificativa que não se encontrava nos seus próprios anseios ou necessidades, e sim na função social de educar os filhos ou, na linguagem republicana, na função de formadoras de futuros cidadãos” (LOURO, 2008, p.447).

Segundo as ex-alunas estudar no Santa Clara significou uma aprendizagem que levaram para a vida mesmo com os rigores, o conservadorismo, e o controle. Elas se sentem muito honradas e orgulhosas por terem feito parte dessa instituição que era uma referência na época, dotada de valores, e respeito na cidade de Santarém. De acordo com as suas narrativas, a experiência de estudar no Colégio Santa Clara lhes conferiu um modo de conduta, de existência, um conjunto de atitudes e comportamento que possibilitaram um desenvolvimento educacional e religioso que era um diferencial à época. Além disso, estudar no Santa Clara nos cursos que eram tradicionalmente destinados aos homens, possibilitou que a sociedade enxergasse que a mulher poderia ocupar novos lugares antes atribuídos exclusivamente a eles. No relato abaixo, constata-se o significado de ter sido aluna do Santa Clara:

Pra mim foi muito bom ter estudado lá, me sinto muito honrada. Ao implantar o curso de administração e contabilidade o Santa Clara quis mostrar que a mulher não é para ir somente para o magistério que ela tinha o potencial para trabalhar no escritório de uma loja que isso era atribuído ao homem, que o homem é melhor em cálculo, o homem é melhor em estatística... E nós pudemos demonstrar por ter estudado nesse curso de administração que, mesmo fazendo um curso que era mais para o homem, a mulher pode se sair bem nos cálculos.

(Entrevista concedida em 15/08/2016 por Joana Vasconcelos, 57anos, Empresaria)

Os cursos de Administração e Comércio e Contabilidade despertaram entre as mulheres o interesse de buscar novas áreas de conhecimento consequentemente ocorre uma alteração na posição social da mulher mediante as novas formas de socialização decorrente do trabalho.

O incentivo para a inserção no mercado de trabalho que as alunas obtinham no Colégio promovia novas ideias e sentimentos, o que contribuiu para redefinição dos papéis femininos e o desejo de buscar uma profissão.

Foi pelo Santa Clara que eu comecei a querer um trabalho e me tornei professora e sempre busquei a realização dos meus sonhos e o Santa Clara me ajudou muito, pude ter minha profissão, independência financeira, e também o Santa Clara me ensinou a ter responsabilidade em minha vida. A parte religiosa me deu ensinamentos sobre ser perseverante, ter fé e dedicação na vida eu me sinto muito orgulhosa de ter feito parte dessa escola.
(Entrevista concedida em 19/06/2016 por Maria de Fatima Silva, 55 anos, Professora).

Nos relatos das ex-alunas, fica evidente que a profissionalização trouxe novos papéis sociais para as mulheres, permitiu que elas alcançassem o espaço público e sua participação ultrapassou os limites da família e do ambiente doméstico. No mais, a conquista de uma profissão ampliou os projetos de vida para as mulheres, tornando-as protagonistas de suas vidas e abriu novas possibilidades de ascensão social. Nessa perspectiva, a educação cumpriu uma função transformadora na vida das mulheres.

No entanto, o mesmo modelo de educação que abriu novos caminhos para as mulheres, conservou em muitos aspectos a representação do feminino como fundamento da família, da obediência, da “docilidade” e da “pureza”, ou seja, se por um lado, a instrução permitiu a profissionalização das mulheres, por outro, ela não deixou de concentrar as atividades domésticas e a formação dos filhos. As desigualdades entre homens e mulheres permaneceram e permanecem na sociedade.

Considerações Finais

Por meio dessa pesquisa podemos analisar a educação no Colégio Santa Clara transmitida as alunas na década de 70 período que o ensino no Colégio era exclusivo

feminino. Essa educação visava, além da reprodução dos conteúdos curriculares obrigatório, a transferência de valores, regras de condutas, comportamentos e disciplinarização. Para este fim, era necessário que as alunas obedecessem às regras da instituição e a disciplina rígida, para não correr o risco de uma formação desordeira e fora do âmbito religioso.

As entrevistas com as ex-alunas comprovam que a prática pedagógica era baseada também no controle da rotina e do comportamento, por meio das regras, punições e doutrina religiosa, ou seja, as alunas eram enveredadas por uma aprendizagem aliada a formação moral, em que a razão e a fé caminhavam juntas. O Colégio Santa Clara na década de 70 era uma referência na educação e as alunas que estudavam neste educandário recebiam uma identidade, eram reconhecidas pela sociedade como exemplos de disciplina, obediência e de boa educação. Nesse sentido, a formação no Colégio não se manifestava somente através dos conteúdos, mas também nos comportamentos e condutas adquiridos nesta instituição, nos ensinamentos religiosos que também surtiavam efeito fora dele, na vida social das alunas.

Na formação das meninas eram ensinadas as formas apropriadas de sentar, falar, cantar, andar, os cuidados com o corpo e o zelo, que garantia o cumprimento das regras e do padrão de mulher que se pretendia reproduzir. As formas de disciplinarização assim como o bom comportamento impediriam as “transgressões morais”. A educação católica oferecida no Colégio, repetia o modelo socialmente de que mulheres e os homens tinham papéis distintos e hierarquizados na sociedade, isso influenciava as práticas pedagógicas e o tratamento dado às meninas, assim, a educação no Colégio permeava a formação de mulheres obedientes, trabalhadoras e caridosas.

Ainda que o regulamento escolar fosse rígido e conservador e o ensino tradicional, esta formação também visava a colocação da mulher no mercado de trabalho o que contribuiu para fomentar nas alunas, segundo suas narrativas, o desejo de ter sua profissão, sua independência financeira e ampliar seus horizontes profissionais e de projetos de vida, conquistando assim, novos espaços em âmbito público. Deste modo, elas derrubaram barreiras socialmente impostas e foram além da “dona de casa”, tornando-se sujeitos da sua própria história.

Nesse sentido, a educação no Colégio Santa Clara na década de 1970 combinou o ensino tradicional, de reprodução de valores católicos e de uma pedagogia

moralizante e normativa, com a formação profissional, que contribuiu para a instrução e qualificação de uma parcela das mulheres de Santarém naquele período.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALGRANTI, Leila Mezan: **Honradas e Devotas: mulheres da colônia: condição feminina nos conventos e recolhimentos do Sudeste do Brasil, 1750 a 1822.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral.** 2ª edição. Rio de Janeiro; Editora FGV. 2004.

ALMEIDA, Jane de Soares: As gentis patricias: Identidades e imagens femininas na primeira metade do século XX(1920/1940). **Educar em revista**, Curitiba, Brasil, Editora UFPR. abr/jun. 2013.

BASSANEZZI, Carla: Mulheres nos anos dourados. In PRIORI, Del Mary (org) **História das mulheres no Brasil**, 9 ed. São Paulo. Contexto, 2008.

BERGUER, Miguel André: Igreja x Educação: O papel do Colégio Nossa Senhora de Lourdes na formação da elite feminina. **Cadernos de História da Educação.** N. 3. Jan/Dez, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **Dominação masculina.** Tradução: Maria Helena Kuhner, Rio de Janeiro, 11ª Edição, Bertrand Brasil, 2012.

CALDERARO, Helena: Resumo da Biografia da Co-fundadora das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição; **Madre Imaculada de Jesus.** 2ª edição; Belém, 2001.

CERRI, Luís Fernando: **Os objetivos do ensino de História.** Hist. Ensino Londrina. V. 5, out.1999.

DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres: as Vozes do Silêncio.** In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). Historiografia Brasileira em perspectiva. 4ª ed. São Paulo. Contexto, 2001.

FOCAULT, Michel; **Os corpos dóceis: Vigiar e punir: nascimento da prisão.** Trad. Raquel Ramallete. 29ª Edição. Petrópolis, Vozes; 2004.

FONSECA, Selva Guimarães; **Revisitando a História das disciplinas nas últimas décadas do século XX;** Didática e prática do ensino de história. Campinas SP, Papirus, 2003.

GOMES, Calil de Siqueira; A educação feminina como forma de emancipação na história das mulheres. **Revista Intersaberes.** Vol. 9,n.18, jul/dez.2014.

LOPES, Guacira; **Mulheres na sala de aula:** História das mulheres no Brasil. 7ª edição. São Paulo, Editora: UNESP. 2004.

MANOEL, Ivan Aparecido: **Igreja e educação feminina, 1859-1919: uma face do conservadorismo**. São Paulo: Edunesp, 1996.

MARINHO, Gizele. et al. (Org). **100 anos- Colégio Santa Clara, História, Vivências e Memórias**; Santarém, Rede de Educação SMIC, 2013.

OLIVEIRA, Lilian Sarat: Educadoras e religiosas no Brasil do Século XIX nos caminhos da civilização. Civilização e Contemporaneidade. **Anais do XII Simpósio internacional processo civilizador**. Recife /Brasil. Nov.2009.

PERROT, Michele: **Os excluídos da História**: Operários, mulheres e prisioneiros; tradução: Denise Bottmann, Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1998.

PIMENTA, Carlos; **As mortificações da carne e o desejo exposto: O controle sobre meninas em instituições católicas**. São Paulo: v.40, Educ. Pesqui, jul./set 2014.

RAGO, Margareth; **Do cabaré ao lar: a utopia disciplinar: Brasil 1890-1930**. 4ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

RIZZINI, Irma; **O cidadão polido e o Selvagem bruto: A educação dos meninos desvalidos na Amazônia Imperial**. Dissertação (Doutorado em História) Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.

Fontes Impressas

Currículo adotado Década de 70. In: ARQUIVO DO COLÉGIO SANTA CLARA

Boletins de alunas. In: ARQUIVO DO COLÉGIO SANTA CLARA

Histórico do Colégio: O Colégio Santa Clara e sua História. In: ARQUIVO DO COLÉGIO SANTA CLARA

Livro de matrículas. In: ARQUIVO DO COLÉGIO SANTA CLARA

Livro de Visita das alunas internas. In: ARQUIVO DO COLÉGIO SANTA CLARA

Livro destinado ao ensino das alunas: Higiene e Puericultura da década de 70. Autor: Valdemar de Oliveira. In: BIBLIOTECA DO COLÉGIO SANTA CLARA

Livros e documentos consultados no arquivo do Colégio Santa Clara.

Regimento Interno do Colégio. In: ARQUIVO DO COLÉGIO SANTA CLARA

Regras da Ordem Terceira de São Francisco de Assis; disponível em: <http://www ofs.org.br>.

Relatório das atividades missionárias da Congregação das Irmãs Missionárias. In:
ARQUIVO DO COLÉGIO SANTA CLARA

Fontes Orais

Ex-alunas:

Creusa Ribeiro, 56 anos (ex-aluna do Colégio Santa Clara do curso Administração e Comércio, Enfermeira)

Joana Vasconcelos, 57 anos (ex-aluna do Colégio Santa Clara do curso Administração e Comércio, Empresária).

Leonora Barbosa, 68 anos (ex- aluna do Colégio Santa Clara do curso Pedagógico, professora aposentada).

Maria de Fatima Silva, 55 anos (ex-aluna do Colégio Santa Clara do Curso Pedagógico, professora).

Maria de Nazaré Lima, 55 anos (ex- aluna do Colégio Santa Clara do Curso administração e comercio, Assistente Social).

Regina Santos, 54 anos (Ex-aluna do Colégio Santa Clara do Curso Administração e Comércio, Professora aposentada).

Rosana Cunha, 54 anos (ex-aluna do Colégio Santa Clara do curso administração e comércio, Servidora pública).